

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 79

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1905

E prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## ASSIGNATURAS

### Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

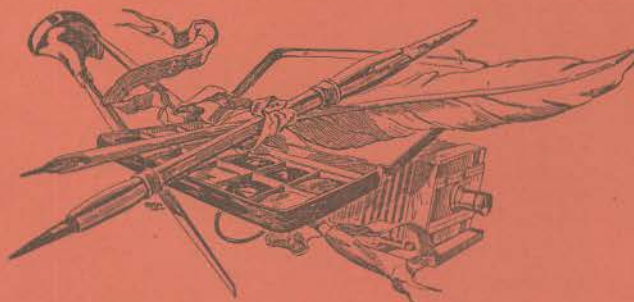
Anno .....	8\$000
Semestre .....	4\$000
Trimestre .....	2\$000

### Brazil

Anno .....	45\$000	moeda fraca
Semestre .....	25\$000	, ,

### Territorios da união postal

Anno .....	8\$000
Semestre .....	6\$000



LISBOA

Empresa do jornal "O SECULO,"

43-RUA FORMOSA-43



# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 8 DE MAIO DE 1905

NUMERO 79



S. A. R. A PRINCEZA IZABEL, CONDESSA DE PARIS, MAE DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

Estive entre nós durante a semana S. A. R. a senhora condessa de Paris com sua augusta filha a princesa Luiza, que foram residir nas Necessidades onde S. M. a rainha senhora D. Maria Pia as visitou. S. A. R. a princesa Luiza passou alguns dias doente tendo sido por esse motivo aliado o passeio a Citra que fora combinado para segunda feira, 1 de maio. S. A. R. a condessa de Paris, princesa Isabel d'Orleans, nasceu em Sevilha a 21 de setembro de 1848, casou em Kingston—Taitoa, em 30 de maio de 1864, com o principe Philippe d'Orleans, conde de Paris, que falleceu em 8 de setembro de 1894. D'esse casamento nasceram os seguintes filhos: a 28 de setem-

bro de 1865 S. M. a rainha senhora D. Amelia; a 6 de fevereiro de 1869 o principe Luiz Filippe Roberto, duque d'Orleans, a rainha Helena a 13 de junho de 1871, a princesa Maria Isabel em 1 de maio de 1878, a princesa Luiza a 24 de fevereiro de 1882, e o principe Fernando de Montpensier a 3 de setembro de 1881.

S. A. R. a condessa de Paris reside durante uma parte do anno no Castello de Bandan em Puy Dôme, França, e no verão no palacio de Villamantique, provincia de Sevilha, em Hespanha, onde S. M. a rainha senhora D. Amelia a tem varias vezes visitado.

# CHRONICA

## A vida privada

O chefe do governo disse outro dia, d'uma maneira commovida — a voz era tremula, quebrada, quasi soluçante — que jámais perseguira a imprensa, da qual se declaram respeitador — embora ella por vezes se moltesse na sua vida privada.

A phrase passou sem uma annotação, a luz branca da claraboia vestiu de pureza o presidente e nas galerias houve um momento de pasmo. E' certo que entre a vida publica e a existencia particular d'um cidadão ha um mundo de abyssos.

A vida publica começa quando se sae a porta escovadinha, ponteadado, depois do bife do almoço, se desce a rua, se cumprimentam os conhecidos, se enfia a manga de alpaca na repartição ou se chamam os directores geraes a despacho, conforme o cidadão é amanuense ou ministro. A vida particular começa quando se entra em casa, se calçam os chinellos, se desce do casaco e se veste o chabre, quando o cidadão entre a mulher e os filhos fala das contas da tenda e da modista, continua quando se põe o barrete de dormir e se puxa o *cadrono* até que o mortal apaga a vela e se dispõe a dormir. A vida publica é quasi sempre um reflexo da vida particular. Não se entende um mau chefe de fami-



A FEIRA D'ALCANTARA — O ARRUADO DAS BARRACAS DE COMIDAS

que entrava na vida publica, apesar de estar n'um estabulo que passou á historia como a charrua do romano.

Se assim não fosse tornar-se-hiam indiscutíveis os actos do chefe do governo, começariamos a ter um tão grande respeito pelos seus contractos como pelas suas caçorlas de que até hoje ninguém falou, mostrar-nos-hiamos tão socegados diante das suas concessões como diante do *menu* do seu almoço, ficaríamos tão silenciosos em face dos seus negocios como em face do seu pinel de barba, deixaríamos em paz o seu programma como deixamos a sua roupa branca.

Por esse principio da inviolabilidade do palacio dos Navegantes, e de que o senhor José Luciano chama a sua vida privada, não teriamos a quem pedir responsabilidades desde que o mesmo senhor não vae aos ministerios, não se apea na Arcada, não deixa de estar em casa, n'ella vive com o seu chabre e as suas chinellas, é certo, mas tambem com os papéis do Estado, com os seus secretarios e com os seus collegas do governo, e agarrado ao Poder que não discutimos se está de farda ou de camisola d'algozão.

A vida privada do sr. presidente do conselho não se define por s. ex. estar de casaca ou de chabre desde que tem em sua casa o ministerio; ella só começa quando se recolhe nos seus aposentos intimos, mas ainda assim é necessario que não reciba n'elles os banqueiros, que não trate no loft os negocios publicos, que não assigne o expediente recostado nas almofadas, porque do contrario essa vida privada já tão curta passaria a ligar-se indissolavelmente com a vida publica como uma anilha bem soldada que não se sabe onde começa nem onde acaba, isto pela mesma razão que se o presidente estiver constantemente de barrete de dormir, tratando os negocios, não poderá a imprensa deixar de o discutir, visto que a esse objecto burguez por excellencia não pôde Ella dar as immuniidades d'uma corôa.

ROCHA MARTINS.



A FEIRA D'ALCANTARA — A ENTRADA DA FEIRA

lia bom funcionario, como não se comprehende um honesto homem no lar que seja um desonesto na rua. Logo quem estiver n'estas condições não deve temer que se desvale a sua vida intima.

Nó entanto por um alto principio de delicadeza ninguém vae descerrar as janelas d'uma sala allia para mostrar aos outros o que lá vae dentro.

Porém, quando um funcionario installa em sua casa uma repartição com secretarios, com ajudantes, com resmas de papel sellado, com chancellas, com requerimentos, com carteiras, já ha o direito de se entrar n'essa casa até ao ponto onde acaba a chancellaria e começa a cozinha.

Pôde falar-se d'um papel indevidamente assignado, d'uma reunião de banqueiros, d'um contracto feito em segredo, mas não dos esfregões que arrastam, do fogão onde se faz o almoço, dos cobres lucentes, das crenadas de mangas arregaçadas.

No caso presente, sendo o cidadão chefe do governo e vivendo em casa, dando de lá as suas ordens, recebendo os seus directores geraes, os seus subordinados, as pessoas que tem negocios a tratar, é como se tivesse mudado para ali o ministerio e a sua vida passa a ter um unico aspecto: o publico.

Quando os hictores iam encontrar Cincinato vestido de lavrador, seguindo atraz da charrua, abrindo sulcos fundos na terra negra dos seus campos para lá do Tibre, o dictador fazia vida pública. Quando os correligionarios de Saldanha o iam procurar ao seu retiro de Cintra dando de comer as vacas leiteiras e falando de politica, transmitindo ordens, fazendo combinações, o du-

Quando os enviados dos banqueiros, os sociarios da roca, de S. Thomé, o sr. Antonio Cabral ou os marchaes progressistas entram em casa do sr. José Luciano, quando o sr. Burnay la vae ou quando o sr. John bate á porta, o presidente do conselho faz tambem a sua vida publica.



A FEIRA D'ALCANTARA — OUTRO ASPECTO



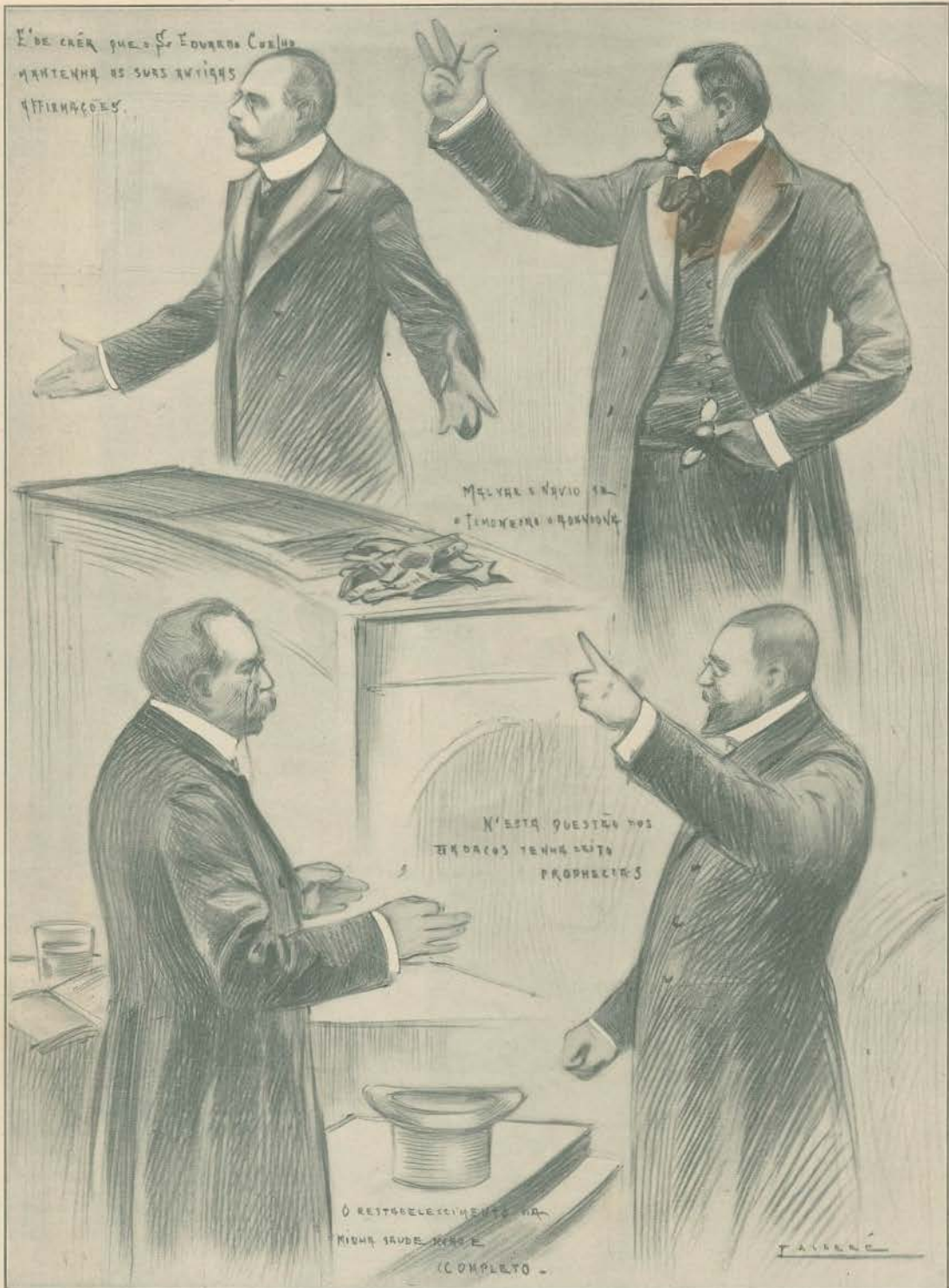
NA RECITA DA ALTA SOCIEDADE EM BENEFICIO DO HOSPITAL DO REPOUSO NO THEATRO D. MARIA — «A PAVANA»

A nossa mais distinta sociedade que contribuiu para a obra de S. M. a rainha a Assistencia Nacional aos Tuberculosos e levou a cabo essa recita surpreendente cujo producto é destinado ao hospital do Repouso que a Assistencia Nacional vai mandar edificar no Lumiar. Assettia a essa recita todo quanto ha de verdadeiramente Real, assim como Ss. MM. celeri, rainha sehora D. Amélia e sehora D. Maria Pia e Ss. AA. III. o principe D. Luis Philippe e infantes D. Alfonso e D. Manuel. O espectáculo começou por uns versos de Alberto d'Oliveira registralmente recitados pela sr.ª D. Branco Ferreira Pinto, seguidos a oquedia *Zaragula* desempenhada pelas sr.ªs D. Eugenia Castello Branco (Bellas), D.

Maria Daun e Lorenza Pombal, manducoselles Catado e Sande e Castro, Joaquin Pombal e Pedro Freitas Branco.

Depois da *Zaragula* reapparece a comedia hesprebala *El Pechado* na qual tomavam parte as sr.ªs D. Amélia Moraes de los Rios, D. João Moraes de los Rios e Edgará Plantier. Seguiu-se então a comedia franceza *Les deux Femmes* desempenhada pelas sr.ªs condessa d'Armas e D. Clotilde Azejos e pelas sr.ªs Henriette Azejos e Fernando Azejos. Terminou a recita com a comedia *D. Beltrão de Figueira* da que foram interpretes as sr.ªs condessa d'Armas e D. Luisa Maye e

as sr.ªs, marquez de Lencelha, José de Mello, conde de Soutar e José de Castro Guimarães. Tambem a *Pavana* que a nossa photographia represento foi dançada primorosamente pelas sr.ªs condessa de Vill'Alva, D. Isabel de Mello, mademoiselle Moraes, D. Louisa Cordeira, D. Luisa Maye, D. Maria Castro Figueira, D. Myra Wanseller, D. Maria Loucastro, D. Maria Pinto Barreiros e D. Maria Cordeira e as sr.ªs. Fecunda Ferreira Pinto, João Bregaro, Jorge de Mello, José Ignacio, José de Mello, José de Vasconcellos, D. Luis Daun e Lorenza, Luis de Lencastro, marquez de Lavradio e Roy de Camara.



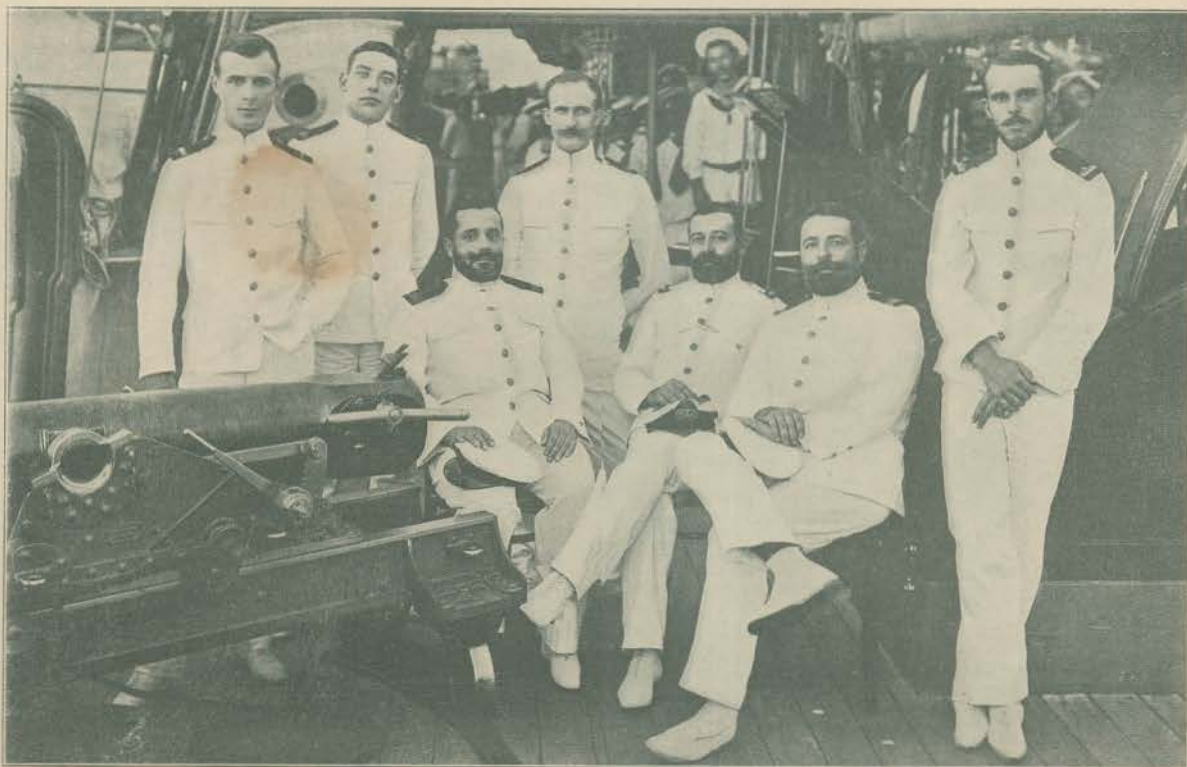
NA SESSÃO DA CAMARA DOS PARES EM QUE FOI APRESENTADO O NOVO MINISTRO DO REINO EM 28 D'ABRIL

SR. HINTAS RIBEIRO — SR. D'ANTAS BARACHO — SR. JOSÉ LUCIANO — SR. JOÃO ARROYO

As galerias estavam apinhadas n'esta sessão. O sr. José Luciano entrou armado ao braço do sr. Cabral Metello e apoiado a uma bengala, deu tres voltas em toda a bancada parlamentar e sentou-se de seguida na cadeira que lhe fora preparada pelos continos momentos antes de entrar.

Fizeram 48 ditmas pares. Presidia o sr. Antonio Candido, secretariado pelos srs. Bandeira Coelho e Francisco José Machado. O presidente do conselho falou da saída do sr. Pereira de Miranda do gabinete, da saída do sr. Eduardo Coelho para sul, do sr. João de Alarcão para as obras publicas. Falaram de seguida o sr. Hintas Ribeiro que se referiu á crise e

depois esperou que o novo ministro do reino mantivesse as suas antigas affirmações, e sr. Baracho que referiu o procedimento do governo na questão dos tabacos, citou o artigo 9 da Carta Constitucional pela qual os cidadãos portuguezes gozavam os seus direitos politicos desde que os fosse impossibilitados physicamente. O sr. João Arroyo referiu-se com violencia ao governo não responder ao sr. Baracho, fez algumas perguntas acerca do contracto dos tabacos e saiu da sala para se sentar depois de lhe annunciarem que o presidente do conselho estava respondendo. Com effeito o sr. José Luciano responde em voz tremula e baixa ao digno par, mostrando por dizer que não tem perseguido a imprensa apesar d'uma parte d'ella e ter atacado violentamente.



OS OFFICIAES DA CANHONEIRA «BENGGO» SURTA EM LOURENÇO MARQUES  
TENENTE IMMEDIATO PEDRO RODRIGUES, COMISSARIO BRAGA, COMMANDANTE LEBOTTE DO REGO, GUARDA MARINHA ALFOIM, MEDICO NAVAL RAUL PACHECO,  
GUARDA MARINHA MACHADO, GUARDA MARINHA TORRES



TROUPE ARAGONEZA DE CANTADORAS E DANÇARINASS DE «JOTA», ACTUALMENTE NO THEATRO D. AMELIA



A FESTA DO TRABALHO NO 1.º DE MAIO  
O CARRO DA UNÃO 1.º DE MAIO—UM ASPECTO DO CORTEJO

A festa do trabalho foi singela, mas a manifestação estendeu-se por todo o país sobretudo em reuniões nas quais se reclamou o dia normal de 8 horas de trabalho. Em Lisboa organizou-se um cortejo operário que foi pelas Avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo e rua Thomaz Ribeiro, chegando ao largo do Matadouro onde será elevado o monumento a José Fontana. Já polícia formou quadrado em torno do local, deixando apenas, aassar os portadores de flores e representantes da imprensa. Da carreta da *União dos Trabalhadores* foram retirados todos os ramos que a cobriam e lançados sobre a primeira pedra do monumento do apostolo. Mais trinta e seis colectividades depararam flores no local, podendo-se de novo o cortejo em marcha para os terrenos

da Cruz do Taboado onde se effectuou um comício. Estavam mais de vinte mil pessoas no grande campo, apesar de chover torrencialmente. Falou em primeiro lugar o sr. Alfredo Gusco, depois o sr. Oliveira Pombo, seguido os srs. Constantino Martins, Antonio Marques e Antonio de Jesus, sendo approvada pela numerosa assistência as seguintes reclamações: dia normal de 8 horas de trabalho, abolição da lei de 15 de fevereiro, que sejam postas em vigor as leis existentes sobre o trabalho, que seja decretado um dia de descanso por semana para todos os trabalhadores, que se attenda ás necessidades dos manipuladores de tabaco diante do novo contracto, remodificação dos impostos e ensino primario obrigatorio.





COMISSÕES OPERARIAS DEPODO FLORES NOO LOCAL DO MONUMENTO A FONTANA

*La République c'est le  
 Suffrage Universel. En état démocratique  
 où le chef du pouvoir exécutif et la moitié  
 du pouvoir législatif sont élus par le  
 suffrage restreint n'est pas la République.*

*Dérouté  
 Carbone - 30 avril 1905.*

UM AUTOGRAPHO DE PAUL DÉROULEDE ESCRITO EXPRESSAMENTE PARA A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»



A CASA QUE DÉROULEDE HABITA EM SAN SEBASTIAN (HESPAÑA)



PAUL DÉROULEDE

A VISITA DE PAUL DÉROULEDE A LISBOA

Déroulède é o grande poeta francez dos *Chants du soldat*, que todos os hermosos, todos admiramos, e é tambem o chefe do partido nacionalista francez. Déroulède hospeda em si o suffragio universal para a eleição dos dirigentes da Republica e, quando foi a morte de Félix Faure, o grande poeta contava com umas brigadas para atacar a Elysee. A multidão no dia das vacações do presidente gritava:—Ao Elysee! Ao Elysee!—E elle respondeu:—Não porque ainda lá está

uma v. viva e duas orlhãs.—A' volta do exterior, as brigadas que elle esperava não vieram porque, em virtude d'uma desconfiança, foi mudado o itinerario. Passou em entãto a brigada do general Rogelet e elle tomou-o-lhe a sella do cavallo gritou:—Ao Elysee!—O general não quis obedecer. Déroulède foi preso e condemnado a dez annos de exilio e recolhido-se a San Sebastian, d'onde continúa dirigida o partido nacionalista.

*Qui vive ?  
 France !  
 "Quand même"  
 Dérouté  
 1905.*

*Reprodução de E. J. de S. S. de S. S.*



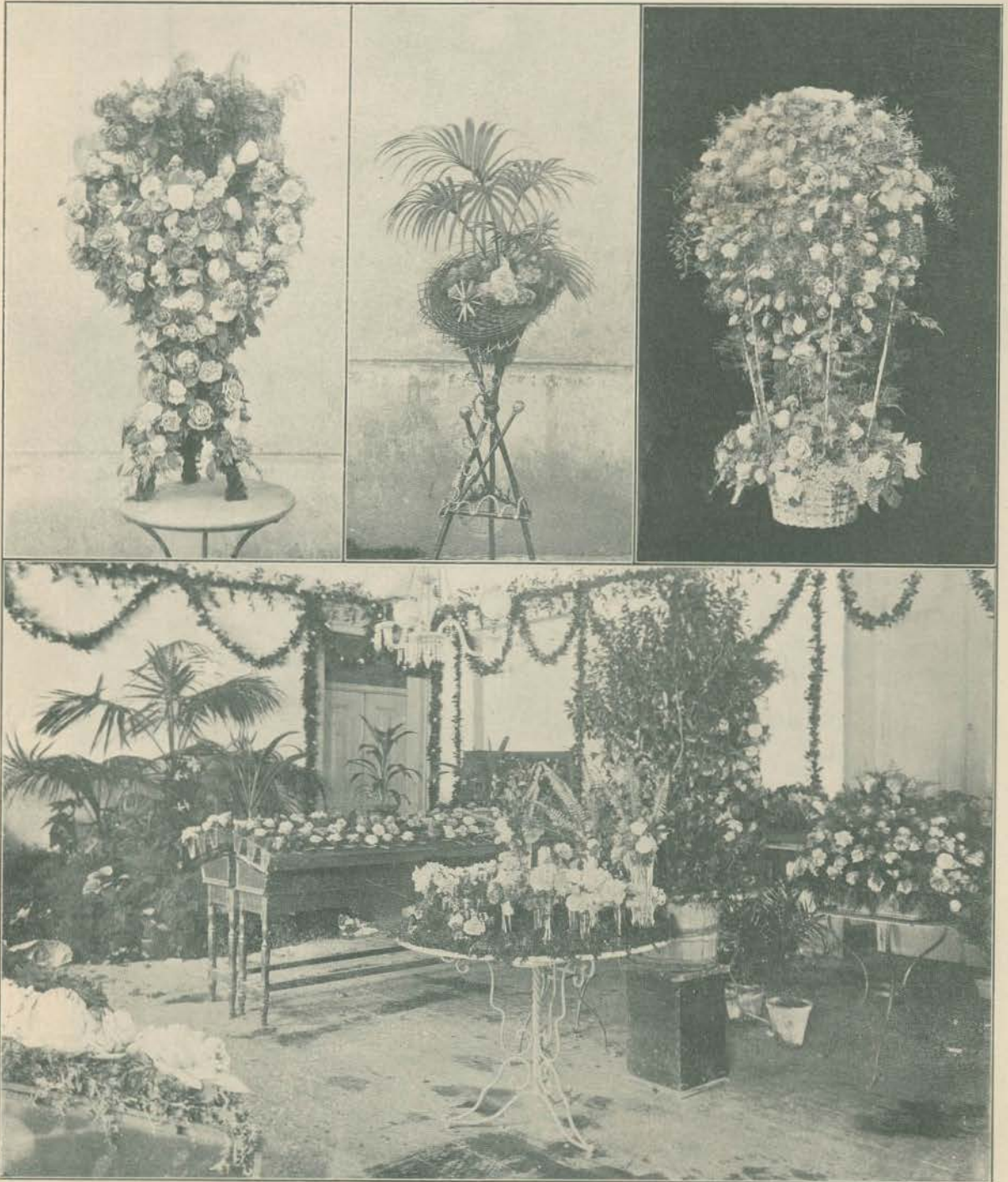
OS TUMULTOS EM VARSOVIA — OBRERIOS PERSEGUIDOS PELA TROYA

Referem de Varsóvia que os indivíduos mortos no último encontro com as tropas passam de 60 tendo ficado feridos mais de 200. A população está excitadíssima tendo sido regato o solo da pátria com mais sangue polaco, tudo se aquiesce para, ao menor pretexto, se erguer de novo com maior ímpeto. D'esta vez foi extraordinário o impulso, que os soldados praticam barbaridades sem nome a que o povo responde com a sua guerra sem quartel, na qual tomam parte mulheres e homens animados do mesmo sentimento de vingança.

(Segundo croquis de mr. L. Keù)

A grande agitação da Rússia deu lugar á revolta da Polónia, onde o patriotismo faz prodígios. Quando os russos julgam ter esse povo amarrado de pés e mãos, escravizado, já sem alento, elle ergue-se como por encanto e quasi sem prezo ao cabo d'alguns dias, após numerosos encontros,

A Polónia, que foi tão lamentada pela Europa como a propria Irlanda, demonstra mais uma vez que não se avocata o fugo russo e os seus filhos voriam heroicamente o seu sangue na busca d'uma emancipação que é apenas um bello sonho.

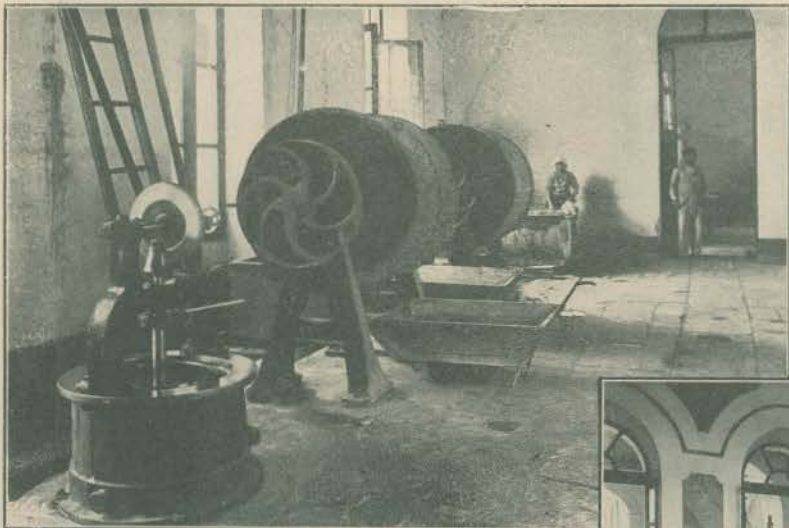


A EXPOSIÇÃO DE ROSAS NO ATHENEU COMMERCIAL DE LISBOA  
 UMA DAS «CORBEILLES» PREMIADAS—OUTRA «CORBEILLE»—EM APERTO GERAL

Fra d'um lado affeita a exposição com todos esses motivos de rosas desbrochadas, exhalando perfumes, avellutadas as pétalas, umas d'um vermelho sanguíneo, outras d'um tranco leitoso e suave. Grande numero de espalheiras, encorvos ao estalame promovido pela Associação dos Jardineiros e aos vinte e oito concursos em que se dividira a exposição, foram concedidas algumas medalhas d'ouro, de prata e cobre. Ao sr. Antonio José Campos Porto cabeu o premio de marices de rosas despostas à vontade de expozitor e tambem o das quarenta variedades de rosas; ao sr. J. Zesarte da Silva o das dentis; o das vinte e quatro à Camara Municipal, e das quinze ao sr. A. Santos, e das trinta e seis ao sr. Nascimento Lopes. O premio das rosas ip-

ditas pertenceu ao sr. Pedro Gomes, e da installação das rosas em jarras o sr. D. Rufina Nequeira, e da peça artistica composta de flores e verdura ao sr. Pelxinho, e do bouquet e corbeilles ao sr. Lallo Neves, e das flores cortadas ao sr. dr. Amor da Belle, e das flores de estacão ao sr. Alexandrê Vieira, e das plantas ornamentaes ao sr. José Gomes, e das flores ornamentaes ao sr. Sousa Lesl, e da novidade de rosas à Camara Municipal e o das plantas novas à Escola Polytechnica.

A exposição abriu no sabado 22 d'abril e encerrou-se em terça feira 7 de maio, tendo sido muito visitada sobretudo no dia de domingo.



COLONIAS PORTUGUEZAS—HOSPITAL MILITAR DE LOANDA

LAVANDERIA A VAPOR—SALA DA JANTA—VESTIBULO—PHARMACIA DO HOSPITAL—ENFERMARIA GERAL

(Clichés da phot. Artistica de Loanda)

# A FEIRA D'ALCANTARA

Abriu esta semana a feira de Alcantara ali junto á linha do caminho de ferro, em faço da rua agitada pelo ruido dos carros electricos que desajam contornos de passageiros no arruado de entrada. Ha um barulho ensurdecedor de vozes n'essa tarde festiva e cheia de sol, n'um domingo vespere de 1.º de maio. Já andam operários com as mulheres e com os filhos entrando nas barracas de figuras de cera, arremeçando bolas aos *pim-pam-pum*, passando em frente dos theatreos de fautoches, arremedo do genero francez dos theatrinhos infantis em que um commissario é sempre victima de *monsieur Arloquin*. Ali, n'esses pequenos palcos de *marionettes*, o commissario, tanto da embriração franceza, é substituido pelo diabo que soffre a mudo as avoas do senhor Roberto, um madeiro, mal talhado, sem articulações, vestido d'uma forma phantastica, que se arma de cacete para as suas appareições de valentão. Ha tambem outros theatros onde os bonecos são articulados, teem uns movimentos automaticos e extranhos ao representarem pequenas peças ingenuas ao som d'um piano por vezes bem tocado.

Estes espectaculos de curta duração adentro das barracas de lona—este anno limpas, asseladas— chamam a multidão que d'ali passa para o circo Meistrick, de arena larga, e de artistas de algum valor que se exhibem diante d'os publico popular e excitado do domingo que frequenta tambem os outros dois grandes theatros da feira, o *Chalet* e o *Agua d'Ouro*, onde se representam revistas do anno, escriptas por populares auctores d'este genero: Baptista Diniz e Penha Coutinho.

A feira antiga, aquella serie de barracas, que eram antros, com palcaos besuntados que riam, com mulheres magrisellas, lysicas e anemicas, que voltavam em *mattlots* rotos n'um varandim ao som do hymno da Carra, desapareceu.



INTERIOR DE UM CAFÉ

tistas de operetta e de revista, conhecidos hoje, apreciados, quasi celebros, passaram assim as inclemencias das feiras, até que um empregario os soube arrancar d'ali para lhes dar logar nos outros theatros.

ecbe isso bem, instinctivamente, porque applaude uns com seriedade até, e troça outros com phrases de praça de touros, algazarra, barafusta. Um rapaz que canta uns fados no *Chalet* faz sensação com



BARRACA DE «PIM-PAM-PUM»

E hoje os theatros tem companhias com mulheres que estão habituadas a pisar palcos dos theatros de quarta ordem, com homens affeitos a esses espectaculos, alguns com uma graça natural, de destaque e de brilho, d'um comico flagante e proprio. Muitos dos nossos ar-

A companhia do *Chalet* é escolhida n'esse montão de principiantes que buscam ganhar a vida, seguindo a tendencia natural que os arrasta para o theatro, e no *Agua d'Ouro*, do mesmo modo, aqui e ali, entre as figuras vulgares se destaca um ou outro com valor, que só pede azas para um adejo.

E o publico per-

dois actores d'um comico irresistivel e no *Agua d'Ouro* o empregario e uma pequena gruel tambem se impoem. Mas quando se sae d'ali como d'um espectaculo dos inferiores da Baixa, é que se começa a ter bem a sensação da feira, atravessandosa as ruas onde se healtam os cafes de camareras e as barracas de *comes e bebés*.

D'uns vem um som de pandelretas e de vozes arrastadas, espreitando á porta distinguem-se mulheres da vizinha Hespanha, afandagando nos palcositos,



UMA BARRACA DE TIEO AO ALVO



A MULHER ELECTRICA



UMA BARRACA DE FIGURAS DE CERA



UMA BARRACA DE COMES E BEBES

n'um rodamóvilhar de salias, tocando castanholas e com os *mazzantini* para a nuca no quebrado das jotas. Das outras chega, com o cheiro das comidas, o vozor

Depois n'outras ruas ha umma parte de civilisação ao lado d'umas velhas barracas, ha um entremeado de cousas altas e baixas—o phonographo junto á *mulher*

belecem junto ás minas na America, nas terras nascentes, do que n'uma feira onde os *carrosséis* rodoplam.



O ORCHESTROPHONE



NO THEATRO AGUIA D'OURO—A POLICIA IDEEAL

dos tasqueiros offercendo petiscos, vém-se os frequentadores encarratados juntos ás mozas bebendo e comendo, soam phrases rijas, tudo isto e Lafado no ruido das conversas e no rouqujar dos ralojeiros á porta das barracas das figuras de cera.

*elctrica*, o orchestrophone junto ás barracas de comidas—como em certas ruas de Londres ao lado do palacios se encontram casas miseraveis.

As cervejarías na feira são a admiravelmente bem installadas; ha até pequenos restaurantes, ilmpos, asseladissimos, que mais parece o m d'uma cidade d'oussa que se esta

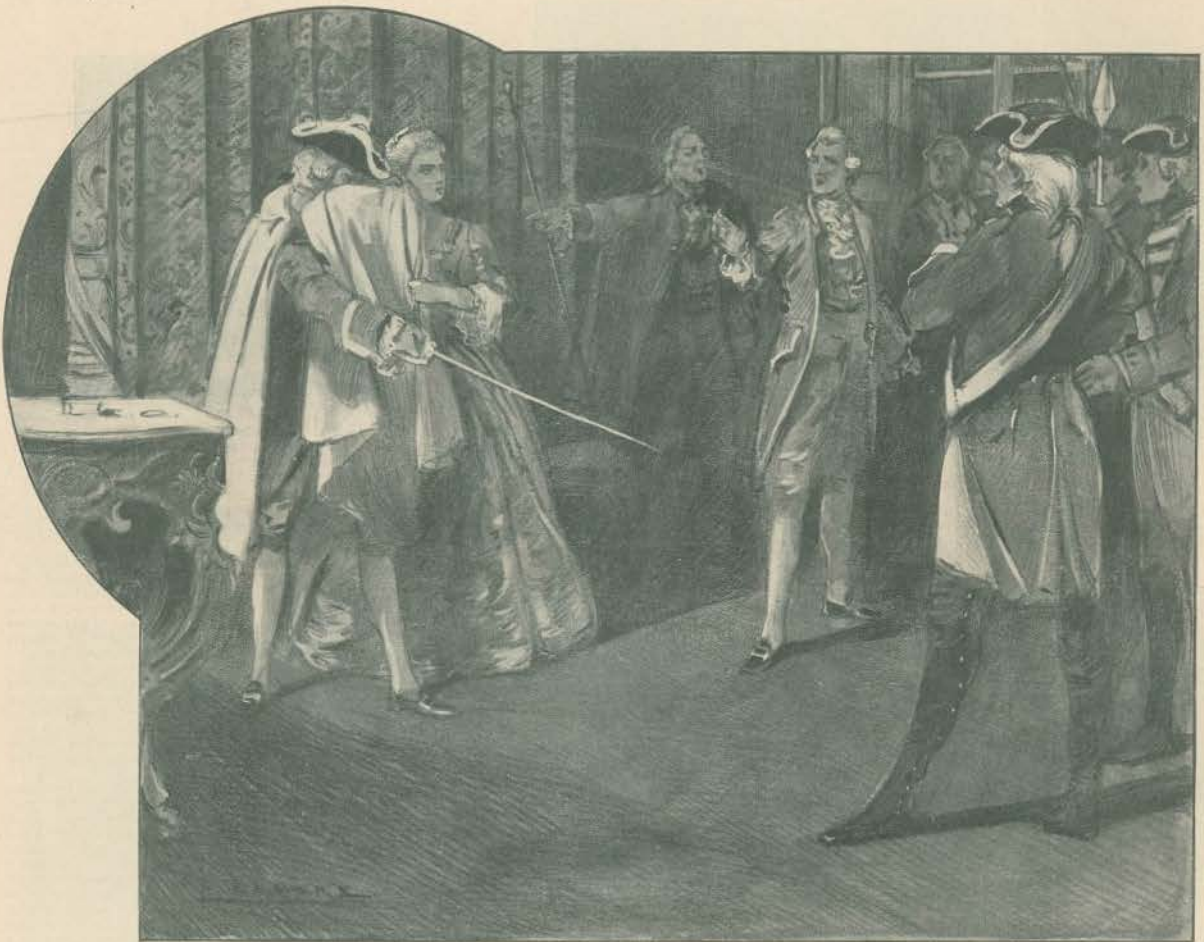
lo bem nacional, que se emboneca como de resto toda a sociedade desde o operario que põe chapéu á filha, até ao burguez que macaquea á aristocracia, perdendo o caracter as classes, como essa feira o perde com o seu arremedo de progresso. Não apresentam-se assim sem um trulo á frente d'uma barraca, curvando e amarelhando um cho com duas cabeças á luz de fogos de Bengala, que espiram sobre a multidão sanctifica de gargalhadas, d'essas gargalhadas que morreram na feira que se civilisou agradando mais a tua, entristecendo outros como diante d'uma perda nacional.



THEATRO DE PANTCHES



NO THEATRO CHALET—O REI DOS TABACOS



' O PRIMEIRO QUE AVANÇAR É UM HOMEM MORTO!'

## O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Lorenza estacará, offegante e pallida, n'uma attitudão de desalio.

— Cuidado, condessa! — gritou o corregedor, escarlateo de celera.

Mas o official da secretaria adiantava-se de novo, agora com as mãos livres.

Lorenza recuou, de braços estendidos, desfigurada e tremula, deante do olhar amecador do agente de policia. Jeronymo Esteves deitou-lhe, bruscamente, as mãos lividas e secas nos pulsos frageis, sacudiu-a como uma orlaça, tentou arremcá-la para longe de si.

Então, vergando a cabeça despenteada, Lorenza mordou uma d'aquellas mãos ossudas, que a algemavam e prendiam. Os seus dentinhos brancos, n'uma raiava feroz de carnívora, despedaçaram, rasgaram, dilaceraram, com desespero furioso, aquella algema viva, até aos ossos.

Jeronymo Esteves soltou um urro de dôr, ergueu a mão ensanguentada, abandonando a presa.

Offegante, Lorenza limpou a manga a bocca vermelha e olhou de frente os seus inimigos.

— Meirinho! Prenda esta mulher! — gritou o corregedor de Belem, estendendo a sua vara de prata.

O meirinho entendeu com dois quadrilheiros.

Comprehendendo que seria manietada e vencida, Lorenza caiu de joelhos, implorando piedade.

— Amarrrem-a! — ordenou o corregedor, aos tres homens.

O meirinho avançou. Atrás d'elle, com a mão em sangue, caminhava Jeronymo Esteves.

Mas no instante em que seis braços se estendiam, em gestos brutales, para Lorenza, o reposteiro abriu-se e um vulto, embaçado até aos olhos, brandindo uma espada nua, surgiu da alcova.

Todos, aquella appareição inesperada, estacaram.

— Bocolha-se ao seu quarto, condessa! — disse D. José inclinando-se para Lorenza e ajudando-a a erguer-se.

— Essa mulher está presa! — berrou o corregedor.

D. José mediu do alto a balza, com arrogancia, a volumosa e grotesca personagem, e levando aos labios a mão fria de Lorenza, murmurou com voz carinhosa e tremula:

— De nada se arreceie, condessa. O que se está passando provem, certamente, de um erro de justiça.

— Prendam esse homem! — gritou o corregedor, apontando o principe aos quadrilheiros.

Com os olhos esgazeados, Lorenza agarrou-se ao braço de D. José, como se o quizera defender e protoger.

— O primeiro que avançar é um homem morto!

O corregedor alçou a vara.

— Tragam as alabardas! Corquem-o! Prendam-o!

— Senhor corregedor, retire-se vossa senhoria com os meirinhos e as rondas! — disse da porta uma voz imperiosa.

O ministro do crime, e official da secretaria da policia, os quadrilheiros e os meirinhos voltaram-se.

Pina Manique, afastando do rosto a capa de seda preta, entrou no quarto.

Viaha inquieto e pallido, de sobrochelos franzidos, e com o aspecto sombrio.

O corregedor encurmentou o Intendente, diante do qual todos se tinham descolbertado, surpreendidos e receiosos.

Jeronymo Esteves adiantou-se, curvo, como um cão que se expõe ás coleras do dono.

E ambos, ao mesmo tempo, iam dar explicações e contas da diligencia. Mas a mão do Intendente apontou-lhes a porta e o corregedor saiu, com uma mesura, en-

fiado e attonito, seguido pelo official da policia, que dobrava a espinha servil diante do irascivel e poderoso amo.

Com uma palavra, Pina Manique esperou que o ministro cortejo de cobrivos evacuasse o corredor, fechou a porta, tirou o tricorno e voltando-se para o principe, com a mão no peito, a cabeça inclinada, disse:

— Peço perdão a Vossa Alteza.

D. José deu um passo com a mão na cinta e a cabeça alta.

— Parecem-me por demais tardias as suas desculpas, Intendente!

— Senhor, eu ignorava por completo a presença de Vossa Alteza na hospedaria...

— E era para prender uma mulher melindrosa e indefeiza, que o corregedor de Belem assaltava e Neutral com as rondas e os meirinhos?

— Senhor, tratava-se de uma diligencia da maior importancia. Foi com espanto e inquietação que recebi a noticia de que Vossa Alteza sahira, no cahir da noite, de Queluz, acompanhado apenas pelo coronel Luis de Miranda, e que se dirigia pela estrada de Belem.

— Estão bem adestrados os seus sagibos, Intendente!

— Senhor, a occasião é mais favoravel para os louvar do que para os censurar. A vigilancia dos agentes da minha policia deveo ter podido intervir a tempo n'esse delicado negocio, evitando um grave escandalo...

— Diga antes a demissão, Intendente!

— Senhor, eu cumpria o meu dever de Intendente.

— E cumpria-o com só! Todo este apparato de justiça, para se apoderar de uma mulher?

Lorenza, que caíra, quasi desfallecida, no covapé, affastou da face a moeda de ouro dos seus cabellos desfeitos. Os seus olhos inquietos iam do Principe ao In-

tendente, esgazados do medo e de afflicção. D'aquelle duello de epigrammas ia sair, com corteza, a revelação, mais temerosa do que o carcere, e que o Intendente não pouparia ao seu contendor desdenhoso.

Pina Manique empallidecera mais, humilhado por aquellas ironias. Era a segunda vez que tinha do bater em retrada, com as affrontosas vergonhas de uma dorroia. Pela segunda vez, encontrava entre elle e Cagliostro o principe real. Tremiam-lhe do raiva impotente as mãos gordas. Hesitava ainda em expôr a verdade, lançando á cara d'aquelle príncipe ignorante, o insolente e a verdade sobre José Balsamo e a falsa condessa de Stephanis, dando o roubo a Francisco Gillos até ao assassinio na estalagem de Runa, cuja noticia o príncipe alarmado lhe trouxera pela manhã.

D. José, impudico e aggressivo, media-o com altivez desdenhosa, e em face do seu silencio, outra vez o interpellou com imperfinencia.

—Sou euão vigiado pelas sagões da policia? Que receia de mim o Intendente? Quem me diz que todo este apparato de forcos não era destinado a comprometter-me publicamente? Por acaso me quer fazer acroditar que os seus correedores e moirinhos vinham assaltar de noite a hospedaria, onde eu me encontrava, apenas para prender uma mulher? Responda, Intendente! Melhor é confessar que se atreveu a desafiar a minha paciencia e que me quiz retribuir a recepção que lhe fiz nos jardins de Queluz...

Pina Manique inclinou a cabeça, contendo o desespero.

—Senhor, renovo a Vossa Alteza os profetos da minha innocencia. As appareças podem accusar-me. Mas as minhas intenções eram em harmonia com os deveres do meu cargo...

—E a quem vinha prender o correedor de Belem?  
—Ao falso conde de Stephanis ou do Cagliostro.  
—E que delictos commetten o conde de Cagliostro, para que o tenha mandado prender? Não o informaram os seus sagões da ausencia do conde? Ou tem nos todos empregados em vigiar Queluz? Bem vê, as appareças accusam-o! O conde de Cagliostro está a estas horas nas Caldas e o Intendente sabe-o!

—Senhor, o conde de Cagliostro está em Lisboa!  
D. José cruzou os braços, sorridente.

—Precisa de reformar a sua polleia, Intendente!

Pina Manique contezou a attida, disse resmoitamente:  
—O conde de Cagliostro não rason de Runa, Alteza!

—E quem o impedia de caminhar para diante?  
—Eu!

D. José olhou de face o Intendente. Mas Lorenza, em entre as suas lagrimas o espiava, levantou-se sem rumor, arrastou-se até elle como uma cobra, pegou-lhe brandamente na mão, ajoelhando a seus pés.

—Meu senhor! Melhor é partir. Peço-vos, por toda a corte do céo, que não vos demoreis aqui... Todas estas commoções alquebraram-me. Sinto-me desfallecer.

D. José curvou-se para levantal-a. Lorenza viu claramente nos olhos do Intendente a decisão que a condemnava, deixou prender a cabeça sobre o tapete, murmurou:

—Os meus saos... Na alcova... em morro...  
E cahiu, de braços abertos, como morta.

D. José precipitou-se para a alcova. Enfito Lorenza, mal elle desapareceu, atraz do reposteiro, ergueu do chão a face pallida, que o terror desfigurava, voltou-se para Pina Manique:

—Calle-vos o arrego vos meu marido!  
E outra vez pendeu, desfallecida.

CAPITULO XV  
LUCTA DE LEÕES

O Intendente tocou a campainha e logo á porta appareceu o rosto livido de Jeronymo Esteves.

—Já chegaram os presos?  
O official da secretaria inclinou-se como um juncos ao vento.

—Ha mais de meia hora. Estão guardados á vista...  
—Em gabinetes diferentes?

—Como vossa excellencia ordenou.

Pina Manique levantou-se, empunhou a botto, dissimulando um sorriso. A porta falsa abriu-se sem ruido, deixando vêr o vestibulo de abobadas, onde esperavam os sagões armados.

Eram todos homens musculosos, com vergalhos nos cascos das botas de canhão, ou sobraçando bengalas e moças.

O vago moirinho do Bairro Alto, sempre escolhido para as diligencias perigosas, adiantou-se no passo lento de um cão de fila.

Pina Manique arrou a luneta, contemplou por um instante a sinistra quadrilha, e disse, com a mão gorda apoiada aos punhos do estoque:

—Quando em tocar tres vezes seguidas a campainha, empurrem a porta e entrem. Bastará que venha o moirinho com dois homens resolutos. Talvez seja necessario o cavallo e as algemas.

Voltou-se solemnemente para Jeronymo Esteves.

—Faca vir as canhas da casa do tronco... Conduza Francisco Gillos.

A porta falsa rodou silenciosamente nos gozcos, occultando os sagões perfididos e o herculeo moirinho do Bairro Alto.



D. JOÃO VI

O official da secretaria da policia curvou-se para apudhar alguns papeis dispersos no tapete o sahio ás arvores.

Pina Manique sentou-se á secretaria, tirou de uma gaveta uma pequena pistola, cuja fecharia experimentou, guardando-a em seguida, n'um dos profundos bolsos do seu collete de saim.

Tinha finalmente na mão todos os fios da menda. Desta vez a partida era d'elle. Dispunha de todos os trunfos e ia jogar com a mais absoluta confiança na victoria. Durante dois dias heceterara no caminho a seguir: abrir a devassa sobre a conspiração denunciada nos papeis do agente da maçonaria na vigiar aquella outra conspiração, que se urlia e em Queluz. O primeiro caminho conduzia immediatamente á lucta com a nobreza e a egreja. Era contra o partido que precipitara no exilio e na morte o marquez de Pombal, que teria de exorcizar a sua violencia e a abrir o formidavel conflicto. O segundo conduzia a um verdadeiro duello com o herdeiro do throno, sob o aspecto de uma repressão revolucionaria. O dilemma redozia-se em seu favor em contra D. José. A sua ambição pesava em balanças subltas de interesses as d' duas resoluções perigosas. O principe tinha pelo seu lado o duque de Lafões, parte da Academia e o povo. Mas o povo era um valor morto, que nada representava a ainda na entenda. Do lado opposto estava toda a nobreza poderosa e tola e egreja omnipotente. A donzela da Rainha, agravada depois da morte do marido, equilibrava os dois pratos da balança.

A sua sagacidade deixava-lhe vêr claramente que a pondencia teria o seu desentrelace no terreno politico. E durante tres noites de vigilia, sem se decidir, elle fazia simultaneamente perseguir Cagliostro e vigiar o paço de Queluz, conservando incommutavel o agente da maçonaria. Mas os acontecimentos tinhamo finalmente inclinado para o partido da nobreza, para esse mesmo partido que o suspeitava do crime do marquez da Pombal, que lhe impunha a ass. ncho nos conselhos da corte. O assassinio de Runa fora um de facto directo e pessoal ao seu i poder. A sua vaidade offendida antepunha-se a todas as considerações politicas. A sua entrevista com o principe, no Neutral, acu-

bava de decidirlo. Tudo parecia espinhalho o para aquella solução: o proprio inesperado encontro com Cagliostro, quando se decidia a recolher, vencido, da tomatoria e infretuosa aventura nocturna de Belem. Agora, só lhe restava, pela ameaça ou pelo suborno, arrastar aquelle adversario manietado as armas com que affrontaria as esleras do principe. Um sorriso terivel fixara-se-lhe no rosto, como um reflexo dos pensamentos que o absorviam, entrevendo essa conferencia com D. José, quando, munito de documentos compromettedores, lhe offercesse a paz ou a guerra.

Tranquillamente, pua um ordeno os papeis de Francisco Gillos, o processo sobre o crime da hospedaria de Runa, com os interrogatorios do sargento e do estalajadeiro e os depoimentos da escola, os numeros do *Morning Herald*, do *Public Advertiser*, as copias dos processos verbaes das policias de Paris e de Londres, mandadas vir por intermedio das chancellerias; toda a documentação, vastissima e ás vezes contradictoria, de uma existencia de charlatão e de bandido. Amontando as provas dos seus crimes, multiplicando-as, collocando-as, Pina Manique preparava-se, com tempo para aquelle duello sem trevos, onde teria a luctar com um contendor perigosissimo: a quem eram familiares todos os laços e todas as perfidias, a que recorria a todos os artilhe e a todas as manhas. Não fora a covardia que o fizera recuar diante da perspectiva de um conflicto com a nobreza, Cagliostro valia bem um partido. Experimentara-lhe já os temerosos talentos e a illimitada audacia. Mas a corteza de que elle não conseguiria, d'esta vez, romper as matbas apertadas d'aquelle rede em que a envolvel-o, tranquillizava-o. Tinha ainda de reserva Lorenza, como um derradeiro recurso; e quando todo aquelle plano viesse, por impossivel, a desmoronar-se, seria sempre tempo de aproveitar Francisco Gillos e os seus papeis, bastantes para decidirem dos destinos do partido apostolico e reconciliar-se com o partido de D. José.





BRONCA—QUADRO DO SAL. O' 1944 MARTIN, L.º SECRETARIO DA EMBAIXADA PORTUGUEZA EM ROMA E EXPOSTO NO SALON D'ESTA CIDADE, ONDE ENTROU POR USANIMIDADE DE VOTOS

## CHRONICA ELEGANTE

Estanca em plena *season* o contido não se preparam por enquanto entre nós as festas proprias da primavera.

Em Paris e Londres é esta a época das *garden parties* do *charité*, das *malinées*, das *ventes de charité*, das festas exóticas, japonezas, chinezas, etc., estas especialmente apreciadas em Inglaterra.

Ainda ha as exposições artisticas com a incomparavel animação do *vernissage*, as exposições de flores, de cavallos, de cães, de gatos, de crianças, de hortaliças, de culinária, de photographia, de *sports* diversos, finalmente um numero acobrar de exhibições interessantissimas e atraentes que a nossa formosa Lisboa podia apresentar tão bem como outras cidades.

As batalhas de flores tambem são outras festas proprias da quadra actual e certamente não são as flores que faltam aqui.

A falta porém de festas diurnas, houve esta semana duas representações sensacionais em que artistas e publico foram a fim flor da aristocracia e da elegancia.

Já ha muitos annos se não realisavam recitas de amadores tão artisticas, tão opulentas e tão *russias* como



FIG. 1



FIG. 2

estas. O fim caritativo ainda accrescentou ao encanto do divertimento.

Passada esta quadra alegre e movimentada da primavera, todo o mundo *smart* toma o vôo e abandona a cidade. Este anno a bagagem das *touristes* elegantes não vai completa sem as *toilettes* de bordado inglez ou suizo com a *capelle Charlotte* do mesmo genero apenas guarnecida d'uns *choux* de fitas *comète* que, em molhos, servem tambem de *brides*.

O bordado suizo ou inglez ou madeirense não se faz só em branco, posto que esta cor seja a preferida pela facilidade das lavagens.

Mas a *balliste-croze*, rosa, azul, lilaz, crêmo, tambem se borda igualmente e compõe deliciosas *toilettes* de uma frescura e leveza encantadoras.

As *écharpes* leves e completam admiravelmente tão seductivo conjunto. A's vezes são em *mausseline* ou gaze plutada em harmonia com o vestido, com as guarções do chapéu e da sombrinha.



MARTINHO JOSE TEIXEIRA HOMEM

Só hoje podemos obter o retrato d'aquelle official, fallecido em Bragança, em 8 de março proximo pasado.

Assistiu para em 1848, ingressando a sua carreira militar no regimento de cavallaria n.º 7, até ao posto de capitão, reformando-se na graduação immediata com 25 annos de serviço. Foi um militar honestissimo e cumpridor dos seus deveres, merecendo a estima dos seus superiores e o respeito das autoridades. Tinha as medalhas de Ariz, bons serviços e comportamento exemplar. O Hon. pertence a ilustre e muito distincta familia transmontana Teixeira Homem de Bordenho.

O funeral esteve muito concorrido, assistidas as gerças e sympathias do Estado, fazendo a guarda de honra uma força de infantaria 10 que deu as descargas do estilo.

O calçado claro é de *rigor* em pellics, camurça, *chagris*, vitella, lona ou couro da Rússia, com biqueiras respontadas; nos casos de maior apuro vê-se muito o sapato mais ou menos complicado, com a meia de fio de Eocasia, *bourre de soie*, ou seda da mesma cor.



FIG. 3

FIG. 1—*Toilette* simples de passeio em alpaca beige com galões de seda e botões dourados.

FIG. 2—Chapéu de renda preta e crina com pluma cor de rosa *ombreté*.

FIG. 3—*Toilette* de *garden party* ou corridas em lino cor de rosa, e rendas com o panno da frente, peitilho e *écharpe* em gaze branca com rosas pintadas.



**SERPENTINA C. Klein & C.** DEPOSITO GERAL

Para limpar a prata e todo o metal prateado, usando-lhe ao mesmo tempo uma fina camada de prata pura, o que dispensa futura galvanização.

**RUA THOMAZ RIBEIRO-185**

**DOTES PARA CRIANÇAS**  
DE 1.925 13 ANOS

So a Equitativa dos Estados Unidos do Brazil emite dotacoes infantis desde a modica contribuiçao de

**500 réis por trimestre**

Com esta contribuiçao recebe-se uma carta de um anno de validade, quando completas os 21 annos a quantia de **705400 réis** (setecentos e doze mil e seis centos e quarenta e cinco mil e quatrocentos e oitenta e cinco réis) em dinheiro, em uma ou duas parcelas de uma ou duas. Devem ser pedidos a **Pilula da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil**.

Largo do Camoã, 11, 1.º - Lisboa

Mosaicos hydraulicos e ceramicas de **T. do Corpo Santo, 21 LISBOA**

**GOARMON & C.** Azulejos em faiança, de cartão e em estylo arabe proprios para decorações artisticas.

Catalogos sob requisição

**TABACOS SEM NICOTINA**

DEPOSITO

**J. J. MARQUES J.º**  
RUA DA PRATA 35, 1.º

**CREAM OF LIVES** Para tratar a ophthalmia dos olhos, o tórax indolente, a tosse e a cura de Ruffes de vidro, de oitenta e cinco centos, no. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

**ANODOL**

**Precision**

**CHRONOMETRE ZENITH**

O MELHOR RELOGIO FANTASIA EM ORO, PRATA, E AÇÚCAR PREMIADO COM O Grand Prix Zurich 1900

É vendido em todas as relojoarias e ourivesarias.

**Collares F. C.**

FRANCISCO COSTA

Este vinho, genuino de Collares, achou-se à venda nos principaes hotéis, restaurantes e mercearias

**DE O-JTO GERAL**  
**Praça d'Alegria, 40**

Telefone n.º 306

**Mutual Reserve Life Insurance Company**

De NEW-YORK

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Rua Azevedo, 178, 1.º - Lisboa

**PAULINO FERREIRA** Trabalhos simples e de luxo

**ENCADERNADOR** 126-132 RUA NOVA DA TRINDADE

**O Vigorizador Electrico do Dr. McLaughlin**

É empregado com seguro exito no tratamento da neurasthenia, debilidadade, reumatismo e gotta, doenças de estomago e figado, impotencia, doenças dos rins e bexiga. Por meio do **VIGORISADOR ELECTRICO** obtém-se uma corrente prolongada e suave que reanima e levanta as forças sem excitação, suavemente, encontrando n'elle os doentes a força e vigor perdidos. Milhares de curas tem sido realisadas nas 34 casas que o **Dr. McLaughlin** possui nas principaes cidades do mundo.

Com o **VIGORISADOR ELECTRICO** darei gratis accessorios para as diferentes partes do corpo e aos homens debei darei gratis um suspensorio electrico.

**CONSULTAS GRATIS e um folheto illustrado**

Quem não puder vir a casa - escreva-me a sua direcção e o **VIGORISADOR ELECTRICO** provar-se-á com attestações portuguezas e estrangeiras que se mostram a quem o deseja.

**DR. M. P. McLAUGHLIN**

Hores: 9 m. ás 2 h. **RUA AUGUSTA, 188, 2.º - LISBOA** Domingos: 10 m. ás 11.

**E. DIAS SERRAS**  
CASA DE LOTERIAS E TABACOS

**26 RUA DO OURO 26**

Especialidade em tabacos havanos e da Bahia.

**NUMEROS ICHONIANENTES DA CASA**

341	352	445	1351	1440	1441	1847	1848	1892	1942	2000	2202
2268	2268	2292	2348	2359	2377	2388	2396	2397	2398	2708	2850
2950	2965	3189	3309	3321	3322	3325	3324	3325	3326	3327	3328
3529	3530	4041	4042	4043	4044	4045	4046	4047	4048	4049	4050

**E MUITOS OUTROS AVULSO**

Vant'josa concessão: **Brinde a todo o publico**

**R**elojaria e Electricidade  
Gaz e Agua

Ha sempre em deposito todo o material pertencente a estas applicaçoens, abrangendo as de installaçoens completas de luz electrica, ventiladores, rampalhoas, telephons, agua e gaz montados de electricos motores para mover moinhos de café, tendo em consumo auto economico. Ha sempre em deposito lampadas para todas as voltagens.

**Antiga Relojaria Garantia Cordeiro & Pillar**, Successor Manuel José Pillar.

26, Travessa de S. Domingos, 28, loja

**OS** que **TOSSE** por hite e clarel tem em esta loja, tomen as pastilhas de Mason.

**Remedio e indigissimo e rapido.**

**TRENS** com rodas de goucha

**RUA DAS PEDRAS NEGRAS 31**

Telephone 326

**CASA MIMOSO** RUA DO OURO 129, 131

**TERCEIRA EXPOSIÇÃO DA EPOCA**

Nova remessa de chapéus modelos da ultima moda

**BLEU, BEVRES, VIEUX ROBE, MOUTARDE e VERT EAU**

Reproduçoes exactas de Moule, paca que ha um enorme fornecimento de palhas, crinas, traves, plumes, sigretos, fôres, etc., etc.

Telephone n.º 382

**129, RUA DO OURO, 131**

**LOMBADAS** A RAIZINA "AGUAS" MESA

**NESTLÉ**

FABINHA LACTEA

**VITALOL**

Meyrelles & Moura Brasil

Rua de Janeiro - Rua S. Pedro, 59 - Rua Gonçalves Dias, 71

Habit. Droguaria America

EM TODAS AS BOMAS FARMACIAS

De 98 por 100

Pastilhas de Mason

**ANALYSES** de urina, sangue, pus, industriaes e agricolas.

Rua Nova de Almeida, 60, INSTITUTO PASTEUR